

APELA  
L18



**Odete Carvalho descobriu há seis meses que tem ELA. O marido nunca tinha ouvido falar da doença mas é o seu grande apoio**

ção de Zeca Afonso era referida, o nome da doença era negligenciado, preferindo-se chamar-lhe ‘doença prolongada’, ‘incurável’, ‘fatal’. Os próprios jornais ‘Se7e’ e ‘A Capital’ referiram-se a ELA, no dia da morte do artista, com uma ligeira gralha: escreveram esclerose lateral amiotrópica em vez de amiotrófica. “Segundo os especialistas fala-se de um vírus lento, mas o que é certo é que nada está provado”, lia-se no ‘Se7e’, uma invertebrada fruto do desconhecimento que à época havia sobre esta patologia, extensível também a quem dela sofria, como o cantor. “Queria falar-me da Clínica João Montezuma Carvalho, em Coimbra, onde estive durante um mês. Manifesta-me a sua grande esperança. ‘Oh pá, aquilo é bestial. Estão a chegar estrangeiros de todo o lado. Isto é uma doença incurável, um vírus como a sida. Daqui a dois meses já sei se o vírus foi ou não morto. Sem

este tratamento, eu durava um ano e meio, ou dois anos. Depois ia para as colheres. Eh pá, tu nem imaginas o estado de degradação em que a gente fica”, contava o cantor ao jornalista José Salvador em agosto de 1983, numa altura em que este escrevia a biografia ‘Zeca Afonso, Livra-te do Medo’ (Porto Editora).

#### **À procura da cura**

Zeca sobreviveria cinco anos depois do diagnóstico. Acabaria por sucumbir a uma paragem cardíaca numa altura em que estava já ligado a um ventilador no hospital de Setúbal que auxiliava a função respiratória. Bem antes disso, no início da doença, passou por Inglaterra, Roménia, França e Estados Unidos à procura de uma cura – e também em Portugal, na tal clínica que acima citámos. Mas acabaria por ser acompanhado a maior parte do tempo na consulta de doenças neuromusculares no Hospital de Santa Maria, em

Lisboa – a primeira criada em Portugal e uma das primeiras no Mundo, ainda nos anos setenta – para atender pacientes com ELA e ainda hoje, a grande referência nacional desta patologia. “Quando o conheci ele já trazia o diagnóstico da doença porque já tinha percorrido vários países. Foi o professor Fer-

nando Tomé, que era amigo dele, que falou comigo porque sabia que me dedicava a esta doença. Vi-o várias vezes, segui-o durante o tempo que ele teve de vida”, conta a neurologista Maria de Lurdes Sales Luís, a médica do cantor e a pessoa que criou a consulta em Portugal. “Ele tinha consciência da gravidade



**Quando o conheci ele já trazia o diagnóstico porque tinha percorrido vários países. Ele nunca se queixou**

**MARIA DE LURDES SALES LUÍS, NEUROLOGISTA DE ZECA AFONSO**